

REFLEXÕES SOBRE SUSTENTABILIDADE E TURISMO

Prof. Dr. Rodrigo Amado dos Santos

A partir da Revolução Industrial, os limites planetários do sistema terrestre vêm sendo afetados, depreciativa e exponencialmente, pela humanidade (FRISCHKNECHT, et al., 2016). Degenerações que se acentuam nos últimos 40 anos (OXFAM, 2017) graças a um consumo desenfreado dos recursos naturais e culturais que amparam condutas, interesses, necessidades e estilos de vida de uma sociedade imediatista incapaz de se sensibilizar com os impactos negativos remetidos não só a esses recursos, como também a sua própria qualidade de vida, bem-estar e segurança (UN-HABITAT, 2016).

De maneira geral, esse arquétipo imediatista incita a maximização de vantagens econômicas de curto prazo que visam a exponenciação do lucro “a todo custo” e que acabam por ignorar os problemas ambientais, sociais, econômicos e culturais oriundos de sua engrenagem capitalista (OXFAM, 2017). Como consequência, dão o “tom” a essa sociedade:

- abruptas mudanças climáticas, perdas de biodiversidades, deturpações nos ciclos de nitrogênio e fósforo, esgotamento da camada de ozônio, acidificação dos oceanos, uso incontrolado de água potável e mudança na paisagem territorial, ocasionada pela extensiva atividade agropecuária (ABDEL-MAKSOUUD, et al., 2016);
- desigualdades econômicas – 1% da população mundial possui uma riqueza equivalente à dos demais 99% – que mascaram práticas de trabalho forçado, iniquidades sociais arraigadas por preconceitos de gênero, etnia e orientação sexual (OXFAM, 2017);
- depreciações materiais e imateriais significativas ao patrimônio histórico/cultural da humanidade (NOAH'S ARK PROJECT, 2007).



Sem embargo, edificam-se indícios de uma sociedade insustentável que utiliza o equivalente a 1,5 da capacidade do planeta para a satisfação das necessidades de uma parcela de sua população (BOCKEN, et al., 2014). Concomitantemente, adicione a este panorama o vertiginoso crescimento da população mundial, que passa de 3 bilhões em 1960 para 7,3 bilhões em 2016 (CUMMING, 2016). Ou seja, em pouco mais de 55 anos, a população mundial mais que dobrou. Caso esse ritmo seja mantido, cria-se a seguinte expectativa populacional: até 2030, 8,5 bilhões; até 2050, 9,7 bilhões; até 2100, mais de 11,2 bilhões (UNITED NATIONS; DESA, 2015).

Em virtude destas descrições, mais do que nunca uma mudança de paradigmas é imprescindível. Em virtude disso, ao longo das últimas seis décadas, inúmeros foram os documentos/eventos/personagens que transpareceram a imperatividade e urgência de se rever/readaptar/reformular os modelos de desenvolvimento propostos pelo sistema capitalista. Será exatamente neste contexto em que o conceito de desenvolvimento sustentável surgirá e procurará implementar práticas organizacionais:

- mais conscientes e responsáveis (HAN; YOON, 2015);
- embebidas pelos preceitos das matrizes gerenciais – da eficiência, da escala, da equidade, da autossuficiência e da ética – enaltecidas pelo Relatório de *Brundtland* (WCED, 1987);
- que encorajem a cooperação e a execução de objetivos que atendam justa, ética e equitativamente mercados, *stakeholders*, sociedade, meio ambiente e consumidores (BOCKEN, et al., 2014);
- que sejam capazes de compreender características, amplitudes e inferências de seus impactos (MELISSEN, et al., 2015).

Indubitavelmente, tais descrições são essenciais a toda e qualquer organização que almeje o status de sustentável. Em específico ao segmento turístico, há cada vez mais uma gradativa compreensão sobre a interdependência entre seu desenvolvimento e os impactos – positivos e/ou negativos – socioculturais, econômicos e ambientais produzidos por este fenômeno contemporâneo (SANTOS; et al., 2017).

O arquétipo da sustentabilidade ganha maior evidencia pela importância socioeconômica da atividade turística, que figura entre os quatro maiores setores econômicos mundiais – posicionando-se atrás de produções ligadas aos combustíveis, produtos químicos e automobilísticos (ARAGON-CORREA, et al., 2015) – atingindo as impressionantes marcas de: 15% dos empregos economicamente ativos (PÉREZ; DEL BOSQUE, 2014); 1 a cada 11 empregos ofertados na sociedade contemporânea; 10% do PIB internacional; 30% das exportações de serviços; um impacto econômico de US\$ 1.5 trilhões (SANTOS; et al., 2017). Resultados que tendem a ser ampliados se observarmos que seus movimentos internacionais podem chegar à 1.8 bilhões no ano de 2030, com um crescimento médio anual de 3,3% entre 2010 a 2030 (SANTOS; et al., 2017).

No intuito de salvaguardar estas conquistas, gestores, acadêmicos, profissionais liberais e instituições públicas devem discutir ampla e abertamente os rumos que esta atividade tomará, é notória a essencialidade de suas planificações e operacionalizações jamais fiquem à margem do desenvolvimento sustentável (MOLINA-AZORÍN, et al., 2015). Algo que se justifica pelo fato de o turismo acarretar uma série de transformações (ARAGON-CORREA, et al., 2015) que externam um leque de desafios gerenciais e operacionais caso seus gestores busquem equalizar:

- a satisfação das necessidades básicas da comunidade autóctone (SLOAN, et al., 2014);
- a preocupação com o atendimento das necessidades das futuras gerações, através de um consumo controlado dos recursos naturais e culturais (MELISSEN, et al., 2015);
- a proposição de uma gestão participativa que busque beneficiar todos os *stakeholders* que apoiam, direta ou indiretamente, a operacionalização turística (BARTHOLO, et al., 2009);
- a realização de programas educacionais e de qualificação que visem sensibilizar colaboradores e autóctones acerca da importância (NEVES FILHO, 1999), da influência e do respaldo que as práticas sustentáveis assumem perante: a imagem/identidade corporativa; os



resultados organizacionais e os índices de produtividade do estabelecimento.

REFERENCIAL:

ABDEL-MAKSOU, A.; KAMEL, H.; ELBANNA, S. Investigating relationships between stakeholders' pressure, eco-control systems and hotel performance. **International Journal of Hospitality Management**, v.59, p.95–104, 2016.

ARAGON-CORREA, J. A.; MARTIN-TAPIA, I; TORRE-RUIZ, J. Sustainability issues and hospitality and tourism firms' strategies. Analytical review and future directions. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v.27, n.º.3, p.498-522, 2015.

BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BOCKEN, N.M.P.; SHORT, S. W.; RANA, P.; EVANS, S. A literature and practice review to develop sustainable business model archetypes. **Journal of Cleaner Production**, v.65, p.42-56, 2014.

CUMMING, V. 2016. **How many people can our planet really support?** Disponível em: <<http://www.bbc.com/earth/story/20160311-how-many-people-can-our-planet-really-support>>. Acesso em: 26.fev.2017.

FRISCHKNECHT, R.; STOLZ, P.; TSCHÜMPERLIN, L. National environmental footprints and planetary boundaries: from methodology to policy implementation 59th LCA forum, Swiss Federal Institute of Technology, Zürich, June 12, 2015. **Int J Life Cycle Assess**, v.21, p.601–605, 2016.

HAN, H.; YOON, H. J. Hotel customers' environmentally responsible behavioral intention: Impact of key constructs on decision in green consumerism. **International Journal of Hospitality Management**, v.45, n.01, p.22-33, 2015.

MELISSEN, F.; CAVAGNARO, E.; DAMEN, M.; DÜWEKE, A. Is the hotel industry prepared to face the challenge of sustainable development? **Journal of Vacation Marketing**, v.22, n.º.3, p.227–238, 2015.

MOLINA-AZORÍN, J. F.; TARI, J. J.; PEREIRA-MOLINER, J.; LÓPEZ-GAMERO, M. D.; PERTUSA-ORTEGA, E. M. The effects of quality and environmental management on competitive advantage: A mixed methods study in the hotel industry. **Tourism Management**, v. 50, n.º 01, p.41-54, 2015.

NEVES FILHO, N. C. **Relatório das oficinas de sensibilização ambiental**. Rio de Janeiro: Programa Estratégico de Turismo Sustentável de Base Comunitária, 1999.

NOAH'S ARK PROJECT. **Global climate change impact on build heritage and cultural landscapes**. London: EU, 2007.

OXFAM International. 2017. **An economy for the 99%**. It's time to build a human economy that benefits everyone, not just the privileged few.

Disponível em:

<https://www.oxfam.org/sites/www.oxfam.org/files/file_attachments/bp-economy-for-99-percent-160117-en.pdf>. Acesso em: 25.jan.2017.

PÉREZ, A.; DEL BOSQUE, I. R. Sustainable Development and Stakeholders: A Renew Proposal for the Implementation and Measurement of Sustainability in Hospitality Companies. **Knowledge and Process Management**, v.21, n°.3, p.198-205, 2014.

SANTOS, R. A.; MÉXAS, M. P.; MEIRIÑO, M. J. Sustainability and hotel business: criteria for holistic, integrated and participative **Journal of Cleaner Production**, v.142, p.217-224, 2017.

SLOAN, P.; et al. A survey of social entrepreneurial community-based hospitality and tourism initiatives in developing economies: A new business approach for industry. **Worldwide Hospitality and Tourism Themes**, v.6, p.51-61, 2014.

UN-HABITAT – United Nations Human Settlements Programme. 2016. **Urbanization and Development: Emerging Futures**. World Cities Report 2016. Disponível em: <<http://wcr.unhabitat.org/wp-content/uploads/2017/02/WCR-2016-Full-Report.pdf>>. Acesso em: 28.fev.2017.

UNITED NATIONS; DESA – Department of Economic and Social Affairs, Population Division. 2015. **World Population Prospects – The 2015 Revision**. Disponível em: <https://esa.un.org/unpd/wpp/Publications/Files/Key_Findings_WPP_2015.pdf>. Acesso em: 17.fev.2017.

WCED – World Commission on Environment and Development. **Our Common Future**. New York: Oxford University Press, 1987.